

**ENTRE CARTAS E CARTAS:
UMA PROPOSTA DE ANÁLISE CRÍTICA PARA O CONTO
“A CARTOMANTE”, DE MACHADO DE ASSIS**

Danielle Reis Araújo (UFRJ)

João Paulo da Silva Nascimento (UFRJ)

jpn0401@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma proposta de análise crítica do conto “A Cartomante” (1984), do célebre escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis. Para tanto, valemo-nos de uma tendência de crítica textual que se concebe ora nos proponentes da filologia, ora nos estudos de interface em teoria e análise literárias, na medida em que centramos nosso olhar às peculiaridades estilísticas presentes na escrita, a fim de consolidar uma proposta de crítica coerente. Como pressupostos teóricos, tomamos por base, sobretudo, os estudos acerca da relação autor-personagem-público leitor (BENJAMIN, 1987) e a respeito da importância do decoro para o texto literário (HORÁCIO, 1984). Estimamos, assim, propor uma breve análise do conto em vias de seus aspectos sociais, históricos e culturais, bem como contribuir para a difusão de uma crítica interdisciplinar.

Palavras-chave: Machado de Assis. Análise literária. Crítica textual.

1. Introdução

Certamente, é quase impossível que algum brasileiro não tenha escutado o nome de Joaquim Maria Machado de Assis. Independente do contexto em que este seja mencionado, corriqueiramente a figura do escritor realista representa símbolo de grandiosa austeridade, na medida em que se constitui sob um emblema marcante para a literatura brasileira desde o século XIX. Isso se deve, em grande parte, devido à estilística própria de que dispunha, sendo capaz de projetar em suas obras um cenário não muito distante da realidade vivida, mas que, por ser dotado de entrelinhas aprofundadas no propositalmente esquecido no âmbito social, retém atenção da crítica textual por sua ampla possibilidade analítica, quer seja para refletir a sincronia literária brasileira em que o autor viveira, quer seja para recompor caminhos e marcas típicas de um fazer literário tão inovador a ponto de marcar a história literária do país.

Notadamente, muitas de suas obras são marcadas por características e temáticas peculiares – as quais parecem terem sido precisamente arquitetadas, a fim de cumprirem com suas respectivas funções em con-

junto. Por isso, não é incomum depreender certa inclinação à ironia e à alta descrição psicológica de suas personagens no tratamento de polêmicas da época. Contudo, especialmente para esta análise, focaremos na abordagem do adultério em Joaquim Maria Machado de Assis, visando expor as máximas conceptuais do autor no que se refere à experiência da modernidade, ao desvelar da ideologia e à relação tensa com o público da narrativa.

Oportunamente, o conto “A Cartomante” (1884) ressalta-se como uma das obras de Joaquim Maria Machado de Assis que versam sobre as consequências do adultério através de uma narrativa que se mostra um tanto quanto ofegante. Trata-se de uma obra curta, cujo enredo é focado nas figuras de quatro personagens de alguma maneira interligados: Rita, Camilo, Vilela e a cartomante. Com base nessas personalidades, a trama se desenvolve através de uma relação adúltera entre Rita, esposa de Vilela, e Camilo, que não privilegia sua amizade em detrimento de uma aventura. Paralela e misteriosamente, há a cartomante, quem parece ser dotada de onisciência com relação aos atos das outras personagens.

Isso posto, partimos da análise de “A Cartomante” (1884) de modo a propor caminhos possíveis para a interpretação do mistério em torno do qual o conto se desenvolve sem, entretanto, abandonarmos traços de sua estética. Pretendemos, por exemplo, discutir aspectos como (i) a inquietude de um amor proibido dado em uma relação de adultério, (ii) a relevância das quatro “faces” apresentadas pelo conto; (iii) a metonímia construída com a palavra “carta”; (iv) a dualidade do ato da traição e seu valor na construção de um *ethos* do século XIX.

2. O ponto de vista e a intertextualidade em “A Cartomante” (1884)

Notadamente, o ponto de vista de Joaquim Maria Machado de Assis em “A Cartomante” constitui-se com base em aspectos intertextuais por meio dos quais se torna possível analisar o conto em suas múltiplas faces. Isso significa dizer, em outras palavras, que a intertextualidade alçada propositalmente pelo autor parecia-se à articulação de sua premissa não só inaugural como também sintetizadora de suas ideias, alegóricas ou não, a respeito da temática elaborada.

Já na primeira frase do conto, deparamo-nos com uma referência à emblemática tragédia “Hamlet, o filho da Dinamarca”, do escritor inglês William Shakespeare (1564-1616), com a citação da máxima em torno da

qual o conto machadiano se desenvolve, a saber, “há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia”. Cabe ressaltar, aqui, o intuito comparativo com o qual Machado inicia sua estória fazendo referência à fala de Hamlet a Horácio, de modo a compará-la à justificativa de Rita a Camilo no que se refere à procura pela cartomante. Porém, o que chama mais atenção nessa remissão intertextual é o fato da controvérsia apresentada por Camilo no instante em que a referência retorna ao contexto do conto com o abandono do racionalismo do rapaz, tal como mostra a passagem abaixo:

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas: mas a voz do marido sussurrava-lhe a orelhas as palavras da carta: "Vem, já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar. Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários: e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se...?

Dessa maneira, torna-se claro o ponto de vista saliente do autor em torno do episódio, uma vez que a subversão da ideia inicial defendida por Camilo, que debochava da justificativa de Rita, chama atenção pelo modo como o indivíduo e suas crenças podem ser frágeis a depender da situação em que se encontram na trama de Joaquim Maria Machado de Assis. Assim, se por um lado, em primeiro momento, Camilo estava para o cético Horácio tal como Rita para o pretensioso Hamlet, por outro, o receio e o medo, o conduziram à ressubjetivação de seus ideais.

Por isso, a intertextualidade em “A Cartomante” não se mostra arbitrária, mas altamente regulada pela esfera de tensão particular promovida pela temática do conto. Esse aspecto, por si só, reflete-se diretamente na aproximação de Hamlet – também uma história de traição e vingança – ao contexto descrito por Joaquim Maria Machado de Assis. Dessa forma, pilares como o tratamento da vergonha diante do ato adúltero, a tensão constituída no enredo e traços ideológicos podem ser contemplados à luz de uma intertextualidade que se apresenta inovadora em Machado por não reter somente tendência emulativa, mas também por ser dotada de inovações estilístico-conteudistas em termos de abordagens literárias.

3. O narrador e a experiência da modernidade: o tratamento da vergonha

Embora seja incluído, nos manuais de literatura, no escopo do Realismo brasileiro, Joaquim Maria Machado de Assis apresentou, em seu tempo, um conjunto de obras inovadoras, destacando-se por introduzir, ainda no século XIX, uma literatura cujo viés e orientação filosófica se mostra em essência modernista. Segundo o escritor francês Émile Zola (1904), por exemplo, as obras de Machado retêm uma poética própria, na medida em que

O observador apresenta os fatos tais como os observa, assenta o ponto de partida e estabelece o terreno sólido sobre o qual vão mover-se as personagens e desenvolve-se os fenômenos. Então aparece o experimentador e institui a experiência, quero dizer, faz com que os personagens se movimentem numa história particular. (ZOLA, 1904, p. 97)

Partindo desse ponto de vista, volvemos nosso olhar à “A Cartomante”, dessa vez, sob o enfoque de um enredo e sua relevância no contexto do século XIX. Evidentemente, a narrativa construída por Joaquim Maria Machado de Assis mostra-se deveras dotada de críticas, sobretudo à instituição social do casamento, o qual, naquele contexto, era visto como emblema idealista de uma organização sociopolítica pautada em fraternidade. Diante disso, é possível perceber que “A Cartomante”, além de propor uma veemente indagação a despeito de um ideário à época, não só o faz por fazê-lo, mas sim a fim de compará-lo, do ponto de vista cordial, a quaisquer relações interpessoais possíveis.

Destacamos, então, dois aspectos a serem considerados nesta seção, quais sejam (a) a equiparação do casamento à amizade – o que, por vezes, não se levava em conta, visto que o casamento, conforme mencionado, dava-se pela mediação de um acordo político; e (b) a dificuldade de lidar com o discurso da vergonha em face de uma traição que tem seu ponto de interseção biunívoco, dado o fato de partir tanto do amigo, Camilo, quanto da esposa, Rita. Com relação ao primeiro, analisemos o conto do ponto de vista de Vilela, para quem a amizade com Camilo se projeta como um sentimento tal qual o amor que sente por Rita. Igualmente, com relação ao segundo, o final catastrófico do conto mostra-se analisável do ponto de vista da insalubridade em que o homem se vê, diante da tentativa de se ressubjetivar por meio do assassinato cometido.

Ao descrever a relação entre Vilela, Rita e Camilo, Joaquim Maria Machado de Assis demonstra a maneira por que o adultério vem complementado por uma angustiante repulsa não considerada por seus

praticantes. A forma como é narrada a história em 3ª pessoa, permitindo que o leitor saiba de cada ato decorrido, mostra-nos a importância da amizade de Camilo para Vilela, sendo esta um ponto alto da convivência estabelecida por eles. Assim, anteriormente à tentativa de lidar com a vergonha, põe-se a dupla entrada por onde escoo o sofrimento do homem traído; se por um lado, Rita se mostra a esposa mais preocupada em ser a enfermeira moral do amigo, por outro, Camilo mostra-se um autor igualmente ativo do ato hedônico.

Além disso, chamemos atenção ao ponto (b) considerando o sentimento de vergonha, segundo Emmanuel Levinas (1982), como um desejo de não ser alguém. Nesse caso, sendo a identidade dolorosa, Vilela pode ser contemplado à luz dessa perspectiva, uma vez que, ao assassinar a esposa e o amigo motivado pela indignação, transparece um ato de inconformidade. Não ao acaso, do ponto de vista dialético, essa fúria de Vilela como resultado de um estado vergonhoso perante a sociedade desabrocharia na concretização da vingança, que o serviria como uma espécie de cura cujo processo de realização se institui com base em angústia.

No entanto, a subversão de valores outrora apresentados no conto devido ao contato com a vergonha mostra-se presente antes mesmo do ato cruel e findo de Vilela. Se analisarmos bem, a consulta desesperada de Camilo à cartomante após o bilhete estonteante do amigo evidencia o modo como o medo e a vergonha pelo erro praticado força uma tentativa de ressignificação em busca de um discurso que confirme, verbalmente, a expectativa por ele estimada. Essa relação entre vergonha como sinônimo de fardo a ser carregado com a existência de si mesmo e a tomada de decisões repudiadas em contexto anterior pode ser exemplificado pelo trecho abaixo:

Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar à primeira travessa, e ir por outro caminho: ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvaír-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos...

Diante disso, percebemos que as experiências ordenadas, da maneira como Joaquim Maria Machado de Assis sugere, chamam atenção ao comportamento psicológico de suas personagens, de modo a apresentar como estas se mantêm altamente norteadas pelas sensações as quais

se submetem. Em “A Cartomante”, especificamente, vemos dois exemplos de reflexos da vergonha: o homicídio praticado por Vilela frente à posição de traído e a à procura pela cartomante por Camilo frente à posição de desespero e receio de que seu verdadeiro eu, digno de vergonha, tenha vindo a conhecimento do amigo.

4. O desvelar da ideologia: odor di femina

Consideremos a seguinte passagem do conto:

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela, era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor di feminina: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio (...) Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura, mas a batalha foi curta e a vitória delirante.

Com base no trecho acima, percebe-se que um ponto de extrema relevância a ser observado em “A Cartomante” diz respeito à ideologia transmitida na obra como uma questão anteposta ao adultério. De alguma maneira, a culpa pela traição é sugerida como uma responsabilidade inalienável de Rita e isso, dadas as circunstâncias temporais do século XIX, mostra-se passível de uma análise ideológica, uma vez que a forma como Machado expõe a decorrência do acontecido inclina-se à isenção de Camilo que, antes de reter o foco narrativo sobre si, trata-se de uma personagem do sexo masculino.

De fato, a descrição da mulher em episódios de adultério em Joaquim Maria Machado de Assis perpassa um detalhamento questionável, o que pode ser visto, inclusive, em obras posteriores a “A Cartomante”, como, por exemplo, em *Dom Casmurro* (1889). Assim, o ethos feminino que emerge da leitura do conto, do ponto de vista do desvelar da ideologia, apresenta uma visão que pode ser confrontada em vista de uma base machista não incomum à época.

Incontestavelmente, a narrativa centrada nos pensamentos angustiantes de Camilo, faz com que Rita seja vista como geradora de toda a situação desconfortante, dado que se teria achegado àquele em momento de fragilidade, não lhe permitindo escapatória. Essa ideia se afirma justamente pelo fato de as marcas linguísticas da descrição do autor serem bem claras nesse sentido. Veja-se a utilização de adjetivos como “serpen-

te” e a categorização da figura feminina como uma mera serventia ao homem, evidente na expressão “*odor di femina*” (do italiano, “cheiro de mulher”).

É importante ressaltar, ainda, que esse aspecto ideológico situa a mulher machadiana, especificamente neste conto, dentro dos padrões estimados ao decoro. Em *Arte Poética*, Horácio (18 a.C.) defende a ideia de que um texto não existe antes do seu público, o que nos leva a crer que um decoro pressupõe a recepção de outrem. Em outras palavras, a imagem feminina construída discursiva e ideologicamente em “A Cartomante”, ao ser projetada com base em uma concepção machista que a coloca como âmagô do adultério cometido, mostra-se sustentada pela visão social secularista, embora, ao término do conto, tanto a mulher quanto o homem paguem o preço com suas vidas.

5. *Entre cartas e cartas: mistério e tensão no conto*

Tipicamente, tratando-se de uma obra machadiana, “A Cartomante” não se isenta de possuir pontos narrativos de tensão e ministério, que se encarregam de promover ao espectador demasiada inquietude no curso da leitura. Essa característica, componente do clímax machadiano permite, de alguma maneira, a aproximação literária entre o leitor e a personagem em aflição, dado que, quanto mais a história parece chegar ao fim, menos soluções são projetadas de maneira elucidativa até que se concretize o final peculiar de Joaquim Maria Machado de Assis.

Concentremo-nos, aqui, na descrição da aflição de Camilo após o recebimento do bilhete misterioso de Vilela, o qual dizia “Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora”. Antes, porém, lembremo-nos do contexto em que tal aflição vinha se moldando devido às cartas anônimas endereçadas a Camilo. Isso posto, parece viável afirmar que, além da intertextualidade e dos aspectos ideológico-experimentais da modernidade, “A Cartomante” constitui-se por uma grande metáfora perceptível, sobretudo, pela utilização da palavra “carta”.

Deve-se considerar, como já citado, o tamanho curto do elenco do conto, o que interfere diretamente nas formulações teóricas no desvelar de seu mistério. Por isso, não são incomuns questionamentos como “Vilela teria descoberto muito antes do caso adúltero entre a mulher e o amigo e, em busca de acabá-lo sem grandes escândalos sociais, remetiera as cartas anônimas?”, “Vilela teria consultado a cartomante paralelamente

às visitas de Rita e esta, em busca de lucro pessoal, teria lhe contado a verdade, ou escrito as cartas anônimas a fim de lhe atrair mais um cliente (Camilo)?”, “a cartomante fora pensada por Joaquim Maria Machado de Assis propositalmente como uma figura misteriosa e arbitrária aos danos que não lhe afetassem, sendo ela uma verdadeira manipuladora de cartas (anônimas e místicas)?”

De antemão, as respostas às perguntas acima não são respondidas precisamente pelas expectativas de cada leitor – fato que faz da obra de Joaquim Maria Machado de Assis uma verdadeira relíquia, à qual se deve sempre recorrer em busca de refinamentos no âmbito da teoria e crítica literárias. No entanto, é inegável que o clima de mistério e tensão que leva Camilo à ressubjetivação de sua concepção inicial em face de um sentimento vergonhoso e desesperado, encarrega-se de confrontar filosoficamente a noção de consolidação do ideário de um sujeito.

Passagens como a que segue abaixo se encarregam de mostrar, ao mesmo tempo, tanto o momento de transição de Camilo, quanto a perspicácia da cartomante ao adverti-lo ludibriosamente quanto a seu futuro.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas, ou então, — o que era ainda pior, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a ideia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do Largo da Carioca, para entrar num túburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo (...). Deu por si na calçada, ao pé da porta: disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve ideia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar (...). Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe: — Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto... E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma cousa ou não (...) pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso (...). Então, ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado.

Com base nisso, percebe-se que a figura da cartomante, que parece onisciente em relação a todo o ocorrido, destaca-se, misteriosamente, como aquela de quem parte todo o caos que finda o conto. Assim, essa sensação de “leitura em círculo”¹ dada em um ambiente de tensão vivido por Camilo, leva-nos à consideração de Walter Benedix Schönflies Benjamin (1987) se analisarmos do ponto de vista da relação leitor X romance, para quem

Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia. Mas o leitor de um romance é solitário. Mais solitário que qualquer outro leitor (pois mesmo quem lê um poema está disposto a declamá-lo em voz alta para um ouvinte ocasional). Nessa solidão, o leitor do romance se apodera ciosamente da matéria de sua leitura. Quer transformá-la em coisa sua, devorá-la, de certo modo. Sim, ele destrói, devora a substância lida, como o fogo devora lenha na lareira. A tensão que atravessa o romance se assemelha muito à corrente de ar que alimenta e reanima a chama. (BENJAMIN, W., 1987, p. 76)

Em síntese, percebe-se que o estado de tensão e mistério promovido no clímax do conto “A Cartomante” por Joaquim Maria Machado de Assis se constitui em uma espécie de harmonização entre a relação narrador x personagem, na medida em que se pode contemplar a maneira como a agonizante subversão de Camilo, em face da arbitrariedade impiedosa da cartomante e da intimidação de Vilela. Desenrola em um percurso descritivo questionável, se comparado ao contexto de incerteza causado pelas cartas anônimas e pelo fim trágico que sucedera à visita do homem à cartomante. Para tal, o aspecto de análise psicológica de Joaquim Maria Machado de Assis, mostra-se eficiente, visto que permite um ângulo de possíveis entradas interpretativas.

6. Para não concluir...

Por fim, chegamos ao término desta proposta de análise que buscou integrar aspectos teórico-reflexivos do conto “A Cartomante”, escrito por Joaquim Maria Machado de Assis, em 1884. Embora esta não seja, nem de longe, a única maneira de tecer uma análise interpretativa da obra, a julgamos consistente pelo fato de reunir pontos de relevância do

¹ Refiro-me aqui ao aspecto da narrativa centrada na figura da cartomante. Parece-me que o fluxo narrativo, embora centrado em Camilo, seja delimitado a partir da mulher, uma vez que, após a visita até então improvável de Camilo, a leitura parece consolidar um ciclo.

conto diante de uma breve fundamentação da teoria literária no que se refere à relação entre narrador e leitor, modernidade e experiência, ideologia e contexto histórico da produção estética e intertextualidade e imagens construídas. Nesse sentido, ressalta-se a pertinência de “A Cartomante” às vias interpretativas concebidas na tendência realista da literatura brasileira do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *A cartomante e outros contos*. São Paulo: Moderna, 1995.

BENJAMIN, Walter Benedix Schönflies. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HORÁCIO. *Arte Poética*. Introdução e comentários de Raul Miguel de Oliveira Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito, 1984.

LEVINAS, Emmanuel. *De l'évasion*. Introduit et annoté para Jacques Rolland. Paris: Fata Morgana, 1982a.

ZOLA, Emile. *Der Experimentalroman*. Leipzig: J. Zeitler. 1904.